

Corpos na Floresta

Um conto por Errol, O Bardo do Oeste.

Um corpo jovem e esguio jazia nu sobre o chão de folhas mortas da floresta. Seus braços e pernas, escancaradamente abertos, estavam, como o resto do corpo, cobertos de sinais e marcas incomuns, gravados à faca. O sangue, já frio, empapava a terra, formando uma lama espessa, enquanto algumas folhas e líquens, derrubados das árvores pelo vento, se grudavam nas feridas. A quantidade de sangue derramado havia deixado o corpo tão pálido que este se destacava do chão escuro da floresta e parecia reluzir, com um brilho tétrico. Os olhos escancarados, apesar de já desprovidos de vida, pareciam ainda retratar os sentimentos de desespero, confusão e impotência que tomaram conta daquela jovem em seus últimos momentos de vida.

Terminado seu trabalho, um vulto caminhou tranquilamente de volta à “selva de pedra”, entrou em seu carro e foi embora.

James Neil apagou uma guimba de cigarro no tampo da mesa, já manchada por uma marca de queimado e coalhada se lixo. Era um sábado à noite, e, como não conseguia um trabalho há semanas, ele estava sentado em frente à TV, fumando cigarros baratos, bebendo cerveja barata e jantando uma comida barata enquanto assistia ao noticiário. A fumaça dos cigarros cobria o ambiente e a única fonte de luz no era a TV ligada. Ouvia-se, no entanto, uma irritante cacofonia, um misto dos barulhos da rua com os televisores e rádios dos vizinhos, sempre mantidos em um volume mais alto que o necessário.

Após terminar sua refeição e acender outro cigarro, James se recostou no sofá e lembrou-se de quando trabalhava como detetive na Polícia Militar. Um flashback de salário fixo e conforto passou rapidamente por sua cabeça. Às vezes você só dá valor a esse tipo de coisa depois que perde. Mas o que mais lhe causava saudade eram os crimes de verdade para resolver.

Quando estava na Polícia, James sempre se desentendia com seus superiores e com seus colegas devido a alguns de seus hábitos

um tanto quanto... peculiares. Dedicar todos os seus esforços ao caso, por exemplo, era mal visto, mas ainda tolerado. Agora, exigir que seus colegas fizessem o mesmo... Ele estava passando dos limites. Afinal, qualquer funcionário público que se preze deve querer apenas embolsar seu salário no final do mês, certo? James discordava, por isso era o esquisito.

James sempre gostava de repetir um bordão cinematográfico extremamente clichê. *“Eu não estou nessa pelo dinheiro”*, dizia. Ele dizia isso, naturalmente, quando ainda tinha algum dinheiro, e este não lhe parecia tão importante. Engraçado como opiniões que parecem tão sólidas caem tão facilmente quando as circunstâncias mudam. Quando se demitiu para virar detetive particular, ele achava que se tornaria um tipo de Sherlock Holmes, resolvendo mistérios complexos, colocando assassinos perigosos atrás das grades. Salvando o mundo, um psicopata de cada vez. No entanto, os únicos casos que conseguia – quando conseguia algum, para pagar as contas – envolviam sempre senhoras de meia idade desconfiadas de que seus maridos as estavam traindo (o que invariavelmente era verdade). Alguns poucos colegas de profissão até tentaram alertá-lo, mas a maioria se deu por satisfeita por vê-lo ir embora.

Uma notícia no telejornal retirou-o desse devaneio de forma abrupta, como acontecia freqüentemente com notícias criminais. Dessa vez, pelo que parecia, um assassinato, ou uma série deles.

– “... e agora mais informações sobre o corpo encontrado hoje de manhã no Parque Nacional da Tijuca. A jovem de 20 anos Joanna Reinbold de Medeiros foi encontrada morta hoje, por volta das sete horas da manhã, por um grupo de turistas que faziam uma caminhada nas proximidades da Gruta dos Morcegos. A perícia revelou como causa da morte hemorragia, causada por múltiplos cortes espalhados por todo o corpo. Segundo uma amiga de Joanna que não quer ser identificada, a vítima teria se envolvido nos últimos meses com alguns indivíduos que supostamente mantém práticas ‘ocultistas’. Ainda segundo essa amiga, Joanna teria saído ontem à noite para se encontrar com esses indivíduos. A Polícia Militar do Rio de Janeiro, que ainda não liberou qualquer detalhe sobre a cena do crime, está cuidando do caso e investigando uma

possível ligação entre este e outros três assassinatos ocorridos no último mês na cidade, todos de jovens mulheres, cujos corpos foram encontrados na Floresta da Tijuca. Enquanto isso se recomenda extrema cautela a todos que tiverem que sair à noite.”

Assim que terminou de ouvir a reportagem, James assumiu sua postura de trabalho (cotovelos apoiados na mesa e mãos entrelaçadas cobrindo a boca) e começou a processar todas as informações que tinha ouvido. O padrão entre as mortes indicava claramente o trabalho de um psicopata *compulsivo*, ou alguém se fazendo passar por um. Mas o ponto mais interessante era a tentativa de associar o crime a alguma forma de ocultismo. Como James bem sabia, por ele próprio ser aficionado por magia e mitologia, esses ramos mais desconhecidos da população geral eram freqüentemente associados a comportamentos criminosos pela mídia. Basicamente, causar histeria e estranheza vendia mais jornais. Esses “indivíduos suspeitos” eram provavelmente apenas um bando de adolescentes esquisitos jogadores de RPG.

Por um momento esquecido de que não era mais detetive da polícia, James começou a esboçar um rumo para a investigação. Primeiramente seria necessário averiguar esses “amigos ocultistas”, embora ele achasse que isso não ia dar em nada. Em seguida, conseguir as fotos da cena do crime, tanto deste quanto dos anteriores, para determinar se os assassinatos realmente tinham alguma coisa a ver com algum ritual. Se positivo, seria preciso uma longa pesquisa para determinar a origem do ritual e seu objetivo, o que poderia ajudar a determinar a identidade do assassino e suas motivações.

Essa corrente frenética de pensamentos também foi brutalmente interrompida, dessa vez pelo toque do telefone. James levantou-se em um pulo e atendeu ao telefone do outro lado do cômodo depois de apenas um toque, ainda ruminando o caso misterioso.

- James Neil, Detetive Particular. – atendeu ao telefone, ainda com um ânimo que não se ouvia em sua voz há tempos.

- Alou? Senhor Neil, meu nome é Adele Rocha e eu gostaria de contratar os seus serviços. O senhor está disponível? – perguntou uma voz feminina, aparentemente de meia idade.

- Estou sim – respondeu James, sua voz de volta ao sussurro desanimado habitual. *“Mais do que a senhora imagina”* – De que se trata a situação – perguntou, já antecipando a resposta.

- Eu venho desconfiando a algum tempo que meu marido esteja me traindo. Quando comentei minhas suspeitas com uma amiga minha, ela me recomendou o senhor. Ela me garantiu que posso confiar em sua descrição.

- Certamente, senhora. Precisamos nos encontrar ao vivo para marcar os detalhes. Alguma preferência?

- Bem, eu costumo freqüentar um *café* aqui no Leblon chamado *Angelo’s*. Posso mandá-lo o endereço, se for necessário.

- Não será necessário, eu conheço o lugar – James não conhecia, obviamente, e teria que procurar o local depois na internet, mas precisava se valorizar. – Que tal amanhã, por volta das quatro?

- Está acertado então, senhor Neil. Muito obrigada, e até amanhã.

Foi um James Neil novamente desanimado que desligou o telefone e voltou a se sentar no sofá. *“Bairro de classe média alta, café aparentemente refinado, fala correta e ligeiramente arrogante... O pagamento vai ser bom”* – concluiu James. – *“Mas apenas mais um caso estúpido. É óbvio que o velho está traindo ela, só preciso de alguma prova e caso encerrado. Não me tornei detetive pra isso...”*

No dia seguinte ao anoitecer, já decididos os detalhes da investigação, James decidiu aproveitar para satisfazer sua curiosidade e tentar descobrir alguma coisa sobre os assassinatos da floresta. Como seria impossível para ele conseguir as fotos confidenciais da cena do crime, que estavam em poder da polícia, James resolveu começar localizando os tais “amigos esquisitos” de Joanna.

Não foi difícil conseguir o endereço deles com a mãe de Joanna. A mulher estava tão abalada que engoliu a historinha que James contou sobre ele ser da polícia federal, e nem mesmo pediu para ver o distintivo. É claro que James tinha um falso, mas não

precisar usá-lo foi um pouco frustrante, como ganhar uma discussão sem usar todos os argumentos já preparados.

Após duas horas rodando de moto pela cidade, James chegou à casa do primeiro dos suspeitos (o mais próximo) e começou a compreender porque a mãe e a amiga riquinha de Joanna pareciam tão convencidas de que esses eram os culpados. O rapaz vivia em um bairro de classe social muito inferior ao da vítima, com casas em obras, muitas outras caindo aos pedaços e uma porção de terrenos baldios com cerca de arame farpado. O amigo de Joanna morava em um pequeno prédio de apartamentos, com a fachada meio descascada. James subiu até o quarto andar (“Ao menos o prédio tem elevador”) e tocou a campainha.

- Boa noite. Quem é você? – perguntou o rapaz que abriu a porta. Devia ter uns vinte e poucos anos, era alto e tinha um cabelo meio emaranhado crescendo até os ombros. Usava roupas comuns de ficar em casa e parecia estar vendo TV.

- Renato Seixas, detetive federal. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

- Certo. – o rapaz pareceu meio surpreso e inadequado. – Entra. É sobre a Joanna, né? Os outros tiras já me fizeram uma porção de perguntas.

- Eu trabalho sob outra jurisdição, então tenho que fazer uma checagem. Procedimento de praxe. De qualquer modo, onde você estava na noite do dia 7 e na madrugada do dia 8? – perguntou James, preparando-se para anotar tudo em um bloquinho de papel.

- Eu tava na casa de um amigo em Niterói, organizando um torneio de Magic. O jogo de cartas, sabe. Tem quatro pessoas que podem confirmar isso. – o rapaz não demonstrava os sinais comuns de estar mentindo, mas é difícil ter certeza nessas situações.

- Eu vou checar isso. No entanto, eu fui informado pela mãe da Joanna que ela sairia com você e outros amigos na noite em questão. Você saberia me informar onde ela foi?

- Eu sei o que a mãe e aquela amiga patricinha dela falaram, mas a Joanna não saiu com ninguém da galera aquele dia. Acho que ela saiu com o velho. – respondeu o rapaz.

- Velho, que velho? - perguntou James, subitamente interessado.

- A Joanna tava meio estranha ultimamente. - começou o jovem, meio cauteloso - Ela tava saindo com um velho rico aí, meio às escondidas, e não falava pra ninguém quem era ele. Acho que ele era casado, não sei.

- Você contou isso para os outros policiais?

- Hmm, acho que eu me esqueci disso na hora... - o rapaz agora parecia meio nervoso e envergonhado, como se estivesse confessando um erro e esperasse por uma punição.

- Em todo o caso, - James se esforçava para esconder a felicidade. *"Agora eu acho que passei vocês, idiotas!"* - Você chegou a ver esse senhor que mencionou? Conseguiria fazer uma descrição dele?

- Eu só vi ele umas três vezes, e só rápido e de longe. Só sei que ele era um coroa, com uns cinquenta anos, usava terno e dirigia um carro caro.

- E você saberia me informar a marca do carro?

- Hmm, não. - o rapaz parecia novamente envergonhado. - Eu não entendo nadinha de carro, e nem achei que isso tivesse nenhuma importância na hora.

- Certo, eu tenho o suficiente para começar. - falou James já saindo. - Voltarei a te procurar caso precise de mais alguma coisa.

- Claro, claro. - respondeu o rapaz antes de fechar a porta.

De volta ao seu apartamento, James começou a organizar as notas que havia tomado e a pensar. Para começar, não conseguiu perceber qualquer sinal de que o rapaz estava mentindo, e James era muito bom nisso. Então, ou o rapaz era um campeão de poker ou estava sendo honesto. Como James previra, os adolescentes deviam ser só um bode expiatório. Mas ele se enganou ao pensar que aquilo não daria em nada. Ele tinha descoberto sobre o velho, não tinha? Aquilo talvez não tivesse nada a ver com a história, mas seus instintos lhe mandavam investigar mais a fundo, e um bom detetive tem que aprender a confiar em seus instintos.

Passado o fim de semana e sem mais pistas para seguir que não envolvessem roubar da polícia, James resolveu voltar à sua preciosa vidinha e ao caso pelo qual estava sendo pago.

James não encontrou nada de suspeito na rotina do senhor Rocha nos primeiros dias. Seguiu ele a toda parte, instalou uma câmera em seu escritório (o que é menos complicado do que as pessoas pensam) e grampeou seu telefone (o que é mais complicado do que as pessoas pensam). O empresário só ia ao trabalho e só falava de negócios, mas James tinha certeza que ele traía a mulher. Nesse meio tempo, tentou contatar algum velho conhecido da polícia que pudesse lhe fornecer as fotos das cenas dos crimes. Se pedisse a quase qualquer um receberia um “não” seco na cara, acompanhado de uma ordem de prisão. Mas havia um detetive, mais jovem e menos envenenado pelo sistema, na divisão de homicídios, em quem James tinha razoável confiança (o que já era bastante para seus padrões). Implorou a ele pelas fotos, e ele respondeu com um simples e esperado: “Vai ser muito difícil, mas eu vou ver o que posso fazer. Não prometo nada.”

“Às vezes eu preferiria que as pessoas respondessem ‘não’ logo de uma vez.” Pensou James após bater com o telefone no gancho.

Nada mais aconteceu até a sexta feira.

Quando o senhor Rocha saiu do prédio de sua empresa para almoçar no restaurante do outro lado da rua, James se aproveitou para invadir seu escritório a procura de alguma pista, qualquer coisa. Estava desesperado. Precisava do dinheiro para pagar o aluguel atrasado. Nos últimos dias tivera que entrar no prédio escondido, para evitar qualquer encontro com o proprietário.

Calçou um par de luvas, verificou se a câmera que havia colocado ainda estava em ordem e escondida e começou a examinar a escrivaninha e as gavetas. Tudo o que encontrou a princípio foram pilhas e mais pilhas de papéis. Relatórios de produção e contabilidade, dados de crescimento da empresa, nada que tivesse importância. No entanto, em uma das gavetas, James encontrou um livro que parecia destoar do ambiente, que parecia ter sido guardado ali provisoriamente. Um ancestral livro de magia.

Certo, não era ancestral. Nem era de magia. Pertencia a uma série de livros acadêmicos sobre ritos e religiosidade nos períodos antigo e medieval, e esse volume em específico era intitulado *Human Sacrifices in History*. E também não era tão ancestral assim, estava em inglês moderno e a data na capa indicava que havia sido impresso na década de 70. Provavelmente podia ser encontrado em uma boa biblioteca. Ainda assim, o que um empresário estaria fazendo com um livro sobre sacrifícios em seu escritório?

Foi quando todas as peças pareceram se encaixar. Joanna estava saindo com um velho rico. O senhor Rocha era velho e rico. O crime parecia ter alguma ligação com ocultismo. O senhor Rocha tinha um livro chamado *Human Sacrifices in History* na sua gaveta. James ficou tão chocado que perdeu a conta de quanto tempo passou olhando vidrado para o escritório bem mobiliado, cheio de garrafas de bebidas caras e objetos em inox, que refletiam a luz por toda a volta. Quando voltou a si, saiu do escritório o mais rapidamente que a cautela permitia. Chegou a trombar com o senhor Rocha na porta do elevador e quase nem percebeu que ele estava usando um telefone celular novo. James voltou para sua moto e ficou assistindo o empresário trabalhar. Ele não tirou o livro de sacrifícios da gaveta, mas James estava com um mau pressentimento de que aquela era a noite em que ele ia sair para matar.

O primeiro mau sinal não demorou a chegar. O senhor Rocha, após sair do trabalho, fez duas rápidas ligações. James não pôde descobrir o que eram, pois ambas foram feitas com o celular novo, não grampeado, mas imaginava que uma delas fora para dar alguma desculpa esfarrapada para a esposa. Após isso, entrou em seu carro e começou a rodar, pegando um caminho muito diferente do caminho de casa. James foi atrás dele em sua moto, tenso como jamais estivera depois de virar detetive particular.

A cidade estava um caos. Por algum motivo qualquer, um grande show ou coisa assim, um punhado de ruas havia sido fechado e o tráfego estava todo congestionado. Pessoas se amontoavam dentro de transportes públicos, motoristas buzonavam todo o tempo por pura irritação e o calor que emanava do asfalto

era tão grande que distorcia a visão. Uma cobertura de nuvens ameaçava chuva, mas por enquanto apenas servia para deixar o clima mais abafado. O senhor Rocha levou um bom tempo para chegar a qualquer lugar, sempre de vidros fechados e ar condicionado ligado, é claro.

James não se surpreendeu ao ver o carro do senhor Rocha parar em frente a uma casa que não a sua própria. Alguém já esperava no portão, e entrou no carro antes que o empresário saísse. Era uma jovem mulher, vinte e poucos anos, nissei (filha de japoneses) e muito bonita. James continuou seguindo o carro depois que este voltou a rodar, agora com ainda mais cautela. Qual não foi sua surpresa quando, após algum tempo, o carro entrou em um dos numerosos motéis da Avenida Brasil.

- Não é possível, ele não é maluco de matar ela dentro de um motel...

James parou na outra calçada, indeciso. Queria manter a vigília atenta sobre o empresário, mas não via como fazer isso agora sem chamar muita atenção. Além disso, não tinha mais tanta certeza de que o senhor Rocha era culpado de algo além de adultério. Resolveu esperar do lado de fora e se manter atento à saída.

Foram horas e mais horas de espera. James virou a noite sentado em sua moto, observando a saída de veículos. Uma chuva fina e gélida começou a cair por volta da meia noite, acompanhada de fortes ventos, que fizeram o detetive tremer de frio e se arrepender do que estava fazendo. Apenas de manhã o carro do senhor Rocha saiu. Este deixou a jovem (que parecia bem e intacta) em casa e depois rumou para sua própria pelo caminho de sempre. Primeiro James voltou ao motel e conseguiu confirmar com alguns funcionários que o empresário havia passado a noite inteira lá. Depois, voltou para casa, exausto, faminto e molhado. Subiu as escadas de incêndio, entrou no apartamento silenciosamente, para não alertar o proprietário, se jogou na cama e dormiu por horas a fio.

Acordou, bem mais tarde, com o toque do telefone. Arrastou-se preguiçosamente, esfregando os olhos e tropeçando nos próprios pés, até o aparelho e o atendeu. Era a senhora Rocha, querendo

saber do andamento da investigação. James respondeu-lhe que mais uma semana era tudo o que precisava para terminar, ela mandou-o se apressar e depois encerrou a ligação. James estava voltando para a cama quando ouviu uma série de batidas na porta, seguidos por uma voz masculina rouca e irritada:

- Abre essa porra dessa porta, seu desgraçado! Você tá me devendo o aluguel há semanas! Anda, seu caloteiro de merda, abre essa porta! – “Só o que me faltava, o proprietário... acho que vou ter que desistir de dormir por agora.”

James foi à cozinha e preparou para si um café, o mais silenciosamente possível, fingindo não estar em casa. Depois voltou à sala e sentou-se no sofá, enquanto o proprietário continuava a esmurrar a porta e xingá-lo de todos os nomes possíveis aos mais altos brados. As pessoas são realmente persistentes quando se trata de dinheiro.

Enquanto isso, James colocou-se a pensar sobre o caso pelo qual não estava sendo pago para pensar. Tinha tido certeza de que o senhor Rocha era o assassino, teria apostado sua vida nisso, mas estava decepcionado. É claro que essa possibilidade não havia sido completamente descartada ainda, mas lhe soava a cada momento mais ridícula. “É melhor você mandar esses seus instintos pra oficina, James.” – pensou consigo mesmo – “Afinal, que coincidência ridícula seria se ele fosse o assassino.”

Depois de que os gritos e batidas na porta cessaram, James se curvou e olhou para o chão. Não vendo mais a sombra do proprietário se projetar pela fresta sob a porta, colocou a caneca vazia de lado, puxou um cigarro e ligou a TV em um volume baixo.

-“...e agora mais informações sobre a série de assassinatos que tem deixado os moradores da cidade do Rio de Janeiro em choque e seus últimos desdobramentos. Mais um corpo, que se encaixa no perfil do crime, foi encontrado esta manhã no Parque Nacional da Tijuca. A estudante Andrea Novais, 24 anos, foi vista pela última vez ontem à noite, o que indica que seu assassinato ocorreu durante essa madrugada. Este é o quinto assassinato a seguir esse padrão, e a Polícia Militar do Rio de Janeiro, encarregada das investigações, admitiu, em nota oficial para a imprensa esta tarde, a ligação entre os crimes. O caso, que foi apelidado pela população como Caso do Maníaco da Floresta, tem causado grande

comoção popular. Os familiares de algumas das vítimas organizaram uma série de protestos pacíficos contra a, segundo eles, ‘ineficiência e incompetência da polícia’. A polícia não se manifestou oficialmente a respeito desses protestos.”

- O assassinato ocorreu esta madrugada... É James, você é um idiota e realmente devia mandar seus instintos para a oficina. – disse James, acendendo um segundo cigarro com o primeiro.

O resto da semana transcorreu como esperado. O senhor Rocha continuou com sua rotina de empresário bem sucedido, enquanto James continuou a segui-lo. Na quarta-feira, o empresário voltou a trair a esposa, com a mesma mulher da sexta-feira anterior inclusive. Desta vez, mantendo-se atento ao seu trabalho, James registrou tudo, como provas a serem apresentadas à sua empregadora mais tarde. Anotou os horários, fotografou, filmou e até conseguiu a ficha da mulher: Rafaela Ayanami, 23 anos, nissei, estudante de moda.

Na sexta-feira já estava tudo pronto. Duas pastas, cada uma com uma cópia física de todos os registros, fotos e vídeos, uma em seus arquivos em sua casa e uma a ser entregue à senhora Rocha na segunda-feira, em um encontro já marcado. Além de três cópias virtuais, uma em seu computador de mesa, uma em seu notebook e a terceira em um HD externo.

Tendo tudo pronto, e tendo apenas que aguardar pelo encontro na segunda-feira para receber seu pagamento, James acendeu um cigarro e sentou-se no sofá, olhando pela janela e perdido em pensamentos, nenhum deles feliz. Foi trazido de volta à realidade, como muitas vezes antes, pelo toque do telefone.

- Alou? Senhor Neil? – perguntou uma voz jovem, que ele não conseguiu identificar a princípio.

- Alou. Quem tá falando?

- É o Beto. Beto Oliveira.

- Beto Oliveira da polícia? – perguntou James.

- Eu mesmo. Olha, é sobre aquelas fotos que você me pediu... – começou o rapaz, antes de ser interrompido.

- Você conseguiu?! – perguntou James rapidamente, esperançoso.

- Eu te mandei elas há uns dois dias, mas parece que você não viu. Te liguei pra perguntar por que não respondeu meu e-mail.

- 'Guenta aí, to abrindo o e-mail aqui. – respondeu James, jogando o cigarro meio fumado no cinzeiro e ligando o monitor do computador. – Aqui tão as imagens de todos os crimes, inclusive do último?

- Inclusive do último. Aliás, curioso esse. Ele segue parte do padrão, mas não o padrão inteiro. Você vai ver.

- E encontrou mais alguma coisa para mim? – perguntou James, enquanto começava a examinar as fotos do crime. – E como anda a investigação da polícia?

- Hmm, a polícia não ta fazendo muita coisa, pra falar a verdade... – respondeu o rapaz, demonstrando desapontamento. – Mas eu encontrei algo realmente interessante pra você.

- Então para de fazer drama e conta logo. – disse James, retirando a atenção das fotos.

- Pelas fotos, parece que as garotas não foram só mortas, parece que foram sacrificadas certo? Como em algo religioso? Isso é mais especialidade sua, mas...

- Sim, sim. Todas estão envolvidas por círculos de símbolos desenhados no chão e por círculos de sal. Não dá pra ler os símbolos direito, mas me parece realmente um sacrifício. Ou um louco, ou alguém se fazendo passar por um.

- Verdade. Mas então, eu procurei mais a fundo sobre as garotas sacrificadas, e encontrei uma relação entre elas. Todas se conheciam. Na verdade, todas fizeram parte de uma mesma.. hmm... “seita” feminista, relacionada a uma deusa da fertilidade. Todas menos a última. Já viu as fotos dela?

- To vendo agora, calma aí. – um pouco depois James respondeu de novo. – Calma aí, essa não tem os círculos!

- E nem fez parte dessa “seita”. As características desse crime imitam a dos outros, mas não se encaixam completamente no padrão. Acho que quem fez isso fez só pra imitar o primeiro assassino.

- Ou pra despistar alguém... ‘Péra, você tem aí o nome da deusa da fertilidade?

- Eu anotei aqui. Freya. Mitologia Nórdica. Faz sentido pra você?

- Claro que faz! – respondeu James exaltado. – Você conhece a palavra inglesa para “sexta-feira”?

- Claro, porra! – respondeu Beto, meio indignado, meio curioso.– É Friday. Tipo o restaurante. Mas o que isso tem alguma coisa a ver com a história?

- É, tipo o restaurante. – respondeu James. – Isso tem a ver porque a palavra Friday deriva da expressão “Freya’s Day”, Dia de Freya. E todos os crimes foram cometidos às sextas-feiras, certo?

- Ahhh, verdade... Quer dizer que algum maluco tá sacrificando “sacerdotisas” de Freya, no dia da deusa? Por que alguém faria isso?

- Não sei, mas você teria como me arrumar uma lista de quem mais fazia parte dessa seita? – perguntou James, achando que já estava pedindo demais.

- Na verdade eu já arrumei, to com ela aqui. Quer que eu leia os nomes das que ainda tão vivas? Não era uma seita tão grande.

- Lê aí pra mim.

- Hmm, deixa eu ver. Roberta Moraes. Isabela Couto. Rafaela Ayanami...

- Para nessa aí! – gritou James. – Rafaela Ayanami, 23 anos, estudande de moda?!

- Deixa eu ver. Hmm, é sim. Como é que você sabe?! – Beto pareceu surpreso.

- Deixa pra lá, acho que já resolvi esse caso...

- Que?! Como assim?!

- Eu sou um idiota! Depois eu explico, tenho que correr.

Uma chuva realmente forte havia caído naquela noite. Mas, ao invés de lavar todo o lixo para fora das ruas, ela apenas o havia trazido a tona. As ruas estavam alagadas, os bueiros haviam transbordado, ratos e baratas corriam e voavam por cada canto, enquanto os pequenos criminosos e assaltantes se escondiam em cada esquina ou beco mal iluminado para fazer dos poucos transeuntes descuidados suas vítimas. Foi em meio a esse caos urbano que James pegou sua moto e correu o mais rápido possível em direção à empresa do senhor Rocha. Os engarrafamentos entupiam as artérias da cidade, mas a moto passava por entre os

carros sem problema, arrancando um ou dois retrovisores pelo caminho.

James chegou à sede da empresa quase atrasado, quando o senhor Rocha já havia saído da garagem do prédio. Pôs-se a seguir-lo, tentando não chamar atenção para si, mas determinado a não perdê-lo de vista. Felizmente a lentidão do trânsito colaborava.

Não foi surpresa alguma quando o senhor Rocha parou na frente da mesma casa que na semana anterior, e a mesma garota, Rafaela Ayanami, sentou-se rapidamente no banco do carona.

O senhor Rocha passou direto por um dos acessos ao Parque. A entrada estava fechada e com duas viaturas policiais de prontidão, como medida emergencial. James se perguntou como o empresário conseguiria entrar com a garota ali sem ser visto, mas sua pergunta não demorou muita a ser respondida. O senhor Rocha dirigiu por mais pouco tempo antes de entrar em uma pequena rua residencial, perdida no meio da cidade, com casinhas em mal estado de conservação e moradores com janelas e cortinas fechadas. Estacionou o carro por perto e demorou um pouquinho antes de sair do carro. James estacionou sua moto em uma rua lateral, longe das vistas do empresário, e desejou nervosamente que ela não fosse roubada. Depois disso, se escondeu atrás de um amontoado fedorento de sacos de lixo e ficou observando o carro.

O senhor Rocha saiu primeiro, carregando uma bolsa de bom tamanho pendurada no ombro. Fechou a porta, contornou a frente do carro e abriu a porta do carona. Em seguida, com uma agilidade e força impressionantes para um homem de sua idade, içou a jovem moça para suas costas, bateu a porta do carro com um chute (as trancas e alarmes se ligaram sozinhos) e caminhou até o final da rua, tranqüilo e descansado como se não estivesse carregando peso algum.

No final da rua havia um terreno baldio, com muito mato e cercado por um muro de tijolos sem cobertura. Porém, em um canto do muro, havia uma falha, que devia ter sido feita pelas crianças da vizinhança. O senhor Rocha passou por essa falha, ainda carregando a garota nas costas, e atravessou todo o terreno baldio, saindo em uma espécie de matagal do outro lado. James foi

atrás, mas dando-lhe uma boa dianteira, para não ser visto. Reparou que o matagal do outro lado, apesar de não ser ainda a Floresta da Tijuca, levaria direta e sorrateiramente até ela.

Caminharam por quase uma hora. Apesar de a chuva já ter cessado, o céu ainda estava carregado de nuvens negras, que bloqueavam quase completamente a luz do luar e das estrelas. A pouca luz que ultrapassava o manto de nuvens era detida pelas copas das árvores, e James, agora a apenas poucos passos do empresário, mal conseguia ver seu vulto se mover no meio na escuridão. Além da escuridão, o terreno também dificultava a caminhada. A chuva havia deixado o caminho muito lamacento e, à medida que este entrava em um aclive, escorregadio. Para não falar da vegetação rasteira, cheia de arbustos espinhentos que se agarravam nas roupas e esfolavam as pernas.

O senhor Rocha parou quando chegou a uma clareira, já na Floresta da Tijuca. Pousou o corpo da moça cuidadosamente no chão, abriu a bolsa e tirou de dentro desta quatro pequenas vasilhas em formato de meia esfera. Distribuiu as vasilhas no chão de forma eqüidistante, formando uma espécie de quadrado, e em seguida encheu cada uma com algum combustível e ateou fogo. A clareira era agora fracamente iluminada pela luz das quatro chamas vermelhas, e James teve que se manter no meio das árvores para observar sem ser observado. Mas, à luz das chamas, viu algo que fez seu sangue gelar de apreensão. Os olhos de Rafaela Ayanami estavam abertos e se movendo; ela não estava desacordada, apenas paralisada, e assistia tudo aquilo muda e apavorada!

James sacou seu revolver, um Colt Detective Special, calibre .38, fez mira mas continuou nas sombras observando o senhor Rocha arrastar a jovem até o espaço entre as quatro vasilhas em chamas. Depois despiu a moça lenta e cuidadosamente, tomando até mesmo o cuidado de dobrar suas roupas, e posicionou-a com os braços e pernas abertos, como o Homem Vitruviano de Da Vinci. Pegou então em sua bolsa um recipiente de sal (ou algo parecido, James não saberia dizer) e desenhou com ele um círculo, que envolvia a jovem completamente e tangenciava as quatro chamas. Ainda com o mesmo pó branco, começou a desenhar símbolos por

todo o contorno interior do círculo, enquanto murmurava palavras estranhas. Tirando pela ausência de cortes na moça, a cena era a mesma que James havia visto nas fotos da polícia.

Terminado isso, o empresário pegou na mochila um pote cheio de ervas misturadas e lançou um punhado em cada vasilha. As chamas se ergueram altas e azuis, deixando o ambiente ainda mais sinistro. O senhor Rocha então puxou de dentro da bolsa um manto negro cuidadosamente dobrado, vestiu-o por cima do terno, cobriu a cabeça com o capuz e tirou de dentro da bolsa um punhal dourado.

O punhal brilhava ao refletir a luz azulada das chamas. Sua lâmina era longa e estreita, com a ponta extremamente afiada, e sua superfície dourada era tão polida que poderia servir como um espelho. O punho, largo, era cravejado de pedras preciosas. Diamantes, safiras, rubis, esmeraldas; cada tipo de pedra refletia a luz à sua própria maneira, criando um mosaico luminoso e hipnótico.

A adaga era tão bela que James só parou de mirá-la idiotamente quando o senhor Rocha aproximou sua ponta da pele de Rafaela, pronto para cortá-la. Decidindo em uma fração de segundo que aquela era a hora de agir, James saiu do meio das árvores, segurando o revólver com ambas as mãos e mirando no peito do assassino.

- É melhor largar essa adaga. O senhor está preso!

O senhor Rocha não pareceu nem um pouco surpreso ao ver o detetive surgir do meio das árvores. Olhou para ele com um sorrisinho irônico nos lábios e respondeu, se fazer menção de largar a faca:

- Ora, senhor Neil. Achei que o senhor iria tentar me impedir mais cedo. Estava se divertindo com meu modesto ritual? – ignorou a cara de surpreso do detetive – E o senhor não deveria sair por aí dando voz de prisão. Nós dois sabemos muito bem que você não é policial.

- Como você sabe quem eu sou? – perguntou James, tentando parecer calmo.

- Assim o senhor me insulta, senhor Neil! – respondeu o empresário, em uma irritante e forçada imitação de alguém insultado – Acha que um homem com todo o meu dinheiro seria

seguido durante esse tempo todo e não saberia? Eu sei tudo sobre sua vidinha patética. Inclusive que minha esposa horrorosa te contratou para me espionar.

- Por que você está fazendo isso? E por que sempre nessa floresta?

- Ora, acho que isso não é da sua conta, é? Mas a escolha deste lugar foi interessante. Veja bem, esta – falou, abrindo os braços e olhando em volta – é uma floresta que foi morta e renascida por mãos humanas. Há muito poder em um lugar como esse.

[NOTA DO AUTOR: A Mata Atlântica original da região foi desmatada para o cultivo de café. Posteriormente, no século XIX, o local foi reflorestado e foi criado o Parque Nacional da Tijuca.]

- Você é completamente maluco. – retrucou James, balançando a cabeça, incrédulo – Larga essa faca, deita no chão e coloca as mãos na cabeça.

- Não, senhor Neil. Se me der licença, eu tenho que terminar isso antes que as chamas se apaguem.

- Você não vai terminar porra nenhuma essa noite! Se afasta da garota antes que eu atire!

O senhor Rocha não respondeu. Ao invés disso, apenas se abaixou, com a faca, ainda firme na mão, viajando em direção à moça. James disparou.

A bala acertou no ombro direito do assassino, mas, ao invés de tombar para o lado, ele se levantou e avançou para cima de James. James não teve tempo de disparar mais uma vez antes de sofrer com o impacto. Sentiu seus pulmões se esvaziarem completamente e a arma escapular de sua mão quando foi prensado entre uma árvore e o corpo do senhor Rocha. Quando James caiu no chão, em meio às raízes, o empresário agarrou seu pescoço e começou a sufocá-lo. Com a cabeça girando e a visão começando a ficar desfocada devido a falta de ar, o detetive viu um brilho dourado com o canto do olho. Tateando o chão úmido e sentindo que desmaiaria a qualquer momento, James conseguiu alcançar o punhal, que o assassino havia deixado cair. Agarrou o punho com a pouca firmeza que lhe restava e enfiou a lâmina por entre as costelas do empresário, sentindo o sangue quente escorrer por sua

mão. As mãos em volta de seu pescoço afrouxaram o aperto, e James pode empurrar o senhor Rocha para trás com um chute no peito.

O empresário ainda conseguiu arrancar o punhal e se erguer de novo, mas a essa altura James já havia alcançado seu revólver. Dois tiros foram ouvidos, duas balas cravadas no peito do senhor Rocha. Caindo de joelhos e cuspidando sangue, o empresário ainda conseguiu balbuciar algumas palavras.

- É maior do que você... Agora eu vejo que sempre foi maior do que eu também...

Depois de jogar fora seu distintivo falso e agasalhar a quase vítima, o detetive ligou para a polícia, se jogou de costas no chão e aguardou, com a cabeça ainda girando.

James ficou surpreso por alguém rico como o senhor Rocha ser incriminado, mesmo que depois de morto. Acontece que, revertido o efeito da paralisia, Rafaela Ayanami foi uma valiosa testemunha, tendo presenciado tudo pessoalmente. Além do mais, a senhora Rocha não fez questão de usar seus recém adquiridos milhões para manter limpa a imagem do marido, e teve seus 15 minutos de fama dando entrevistas para revistas, dizendo que não sabia o monstro que o empresário era.

O caso, naturalmente, ganhou uma monumental repercussão. TVs, jornais, sites de notícias, twitter; o Brasil parou para acompanhar a história do psicopata milionário. James, no entanto, preferiu manter-se fora dos holofotes, e a identidade do “herói misterioso” não foi divulgada. Afinal, sua nova frase de efeito era *“Eu não estou nessa pela fama.”* O dinheiro, naturalmente, ele aceitou.

FIM - (ou não...)

Visitem.

<http://oestebardo.wordpress.com/>

<http://twitter.com/errolbardo>

<http://www.formspring.me/errolbardo>